

COMPREENDENDO O SIGNIFICADO DO QUE É SER ADULTO [UNDENSTANDING THE MEANING OF WHAT IS BEING AN ADULT]

Ymiracy Nascimento de Souza Polak*

Elis Rejane da Maia**

Neide Martins***

Simone Aparecida Lisniowski****

RESUMO: Trata-se de um estudo de natureza fenomenológica que teve como objetivo compreender o significado do que é ser adulto para a população do II Seminário Nacional em Saúde do Adulto, realizado nos dias 19 a 22 de agosto de 1997. Para tanto foram entrevistadas 44 pessoas na faixa etária de 19 a 54 anos. A análise dos discursos permitiu evidenciar cinco grandes categorias que expressam a concepção de adulto para o entrevistado, a saber, ser adulto é: ser responsável, ter independência financeira e psicológica, ter trabalho, ter cidadania e manter relacionamentos. As categorias emergentes reiteram a concepção de adulto de Polak (1997) que vem norteando os estudos do GEMSA – Grupo de Estudo Multiprofissional em Saúde do Adulto.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem; Responsabilidade; Cidadania.

1 APRESENTANDO O TEMA

A existência humana se desenvolve num contexto demarcado por fases que se diferenciam por certos atributos culturais que caracterizam e classificam o sujeito em diversos grupos etários, classificação estas às vezes universais. Destaca-se entre estas a classificação que agrupa os sujeitos por determinadas faixas etárias a saber: **a infância, a adolescência, o adulto e o idoso.**

Ressalta-se que esta classificação é feita segundo os parâmetros bio-psico-fisiológicos, que desconhecem o contexto sócio-econômico e outras variáveis, que nem sempre cotejam os segmentos que caracterizam cada um dos grupos etários acima mencionados. Tomando por exemplo o grupo denominado adulto segundo a concepção bio-psico-fisiológica, é o indivíduo que atingiu a maioridade; essa concepção desconsidera o sujeito, que só existe porque existe o outro e um mundo que o legitima como tal.

Kinget (1980, p. 49) destaca que "...a medida que o indivíduo avança para a adultez, toma consciência da diversidade e, da divergência de suas necessidades fundamentais, biológicas, sociais e especificamente humanas...", explicitando a diversidade de caminhos, de descobertas do homem para atingir a fase denominada neste estudo como adulta.

Cientes deste processo, os componentes do Grupo de Estudo Multiprofissional em Saúde do Adulto – GEMSA, sentem a necessidade de compreender o significado do fenômeno "**o que é ser adulto**", a partir dos sujeitos que vivenciam essa condição, com o fito de ajudar no delineamento de propostas educativas e de saúde para a clientela em foco.

Ao perceber o adulto em sua inserção social, a Polak et al. (1997) rompe as concepções vigentes e passa a percebê-lo como alguém que produz, que trabalha e que tem responsabilidades.

Vinte anos após Léon, Polak (1997, p. 10) define o adulto como:

"... o sujeito que tem competência para determinar e assumir a direção da própria vida, que pondera, e medeia as relações com os outros e com o mundo; que legisla, delibera, disciplina e normatiza; que detém o poder, ao mesmo tempo, é alvo deste poder: que tem a capacidade para criar e manter vínculos, para assumir-se e assumir o outro sob a sua responsabilidade; que tem capacidade cognitiva, afetiva e motora definida: enfim, que produz e é produzido no social e pelo social."

Embora centrando os seus estudos inicialmente na concepção de Léon (1977) e atualmente na óptica de Polak et al. (1997), o GEMSA sente ser necessário confrontar a concepção da autora com o compreendido pelo adulto, o que foi feito no presente estudo, acreditando que, ao apreender a realidade empírica possa contribuir com os estudos voltados para a saúde e para a educação do adulto; modificar as práticas de saúde até então centradas nos sinais e sintomas da doença que desconsideram o sujeito, a sua história, o seu saber, tornando-o passivo no cenário da saúde, da educação e da sociedade como um todo.

* Professora Titular do Departamento de Enfermagem da UFPR. Doutora em Filosofia de Enfermagem. Coordenadora do Grupo de Estudo Multiprofissional em Saúde do Adulto – GEMSA.

** Acadêmica de Enfermagem da UFPR. Bolsista de Iniciação Científica no GEMSA.

*** Enfermeira e Bolsista de Aperfeiçoamento do GEMSA.

**** Acadêmica de Psicologia da UFPR. Bolsista do CNPq no GEMSA.

Pretende-se ainda com o presente estudo modificar as relações hegemônicas inserindo a participação, o diálogo, o respeito ao outro, assegurando o direito à cidadania para àqueles que transitam no mundo frio da ciência e da tecnologia, tornando mais humana a relação existente entre a academia e o senso comum.

Destarte que o presente estudo tem como objetivo:

- Apreender o significado do que seja ser adulto, a partir do sujeito que vivencia essa condição de vida, em vista à contribuição com o delineamento de novas formas de cuidar e de ensinar.

2 O CAMINHO PERCORRIDO EM DIREÇÃO À COMPREENSÃO DO FENÔMENO

O presente constitui um estudo de natureza fenomenológica, porquanto se preocupa com a compreensão do vivido que tornar-se-á conhecido por meio de um processo descritivo e interpretativo. Ao descrever o fenômeno¹ vai-se, segundo Bruyne et al (1982), do constituído ao constituinte, isto é, da realidade concreta para a essência. Realidade esta aprendida por meio de uma questão aberta, cujas respostas possibilitaram, mediante processo acurado de análise, a identificação dos temas emergentes que por sua vez caracterizam a essência do fenômeno pesquisado.

Para compreender o fenômeno “**o que é ser adulto**” foram entrevistados 44 adultos participantes do II Seminário Nacional em Saúde do Adulto.² A escolha destes sujeitos resultou da premissa de que todos os sujeitos inscritos no Seminário eram envolvidos com temática e conseqüentemente teriam interesse em explicitar a sua compreensão do fenômeno em tela.

Para conhecer a concepção de adulto foi realizada entrevista dividida em duas partes: a primeira contendo os dados de identificação e a segunda a questão principal – que foi provocada com a solicitação aos participantes de que descrevessem com suas palavras o que é ser adulto. A solicitação foi escrita aos entrevistados e devolvidas imediatamente à entrevistadora.

As entrevistas foram realizadas pelos bolsistas após as orientações devidas. No desenvolver das mesmas e

durante análise das descrições, procurou-se estar atento para o descrito por cada sujeito com o fito de evidenciar a percepção de cada um a partir de suas experiências e vivências, que se tornaram conhecidas mediante a linguagem escrita. Para a apreensão da essência do fenômeno, seguiu-se os três momentos a saber: **descrição, redução e compreensão** (Martins, 1989).

O processo de análise obedeceu aos momentos indicados por Martins (1989) a saber: uma leitura atenta dos questionários, a fim de se compreender o sentido do todo; a releitura das descrições para se identificar as convergências e divergências das falas e identificar as unidades temáticas, ou seja, as unidades de significado³ das quais emergiram os temas que revelam a essência do fenômeno estudado. As categorias de análise foram estudadas separadamente, com o intuito de que o seu significado refletisse a essência do fenômeno pesquisado, levando-se em consideração que nenhuma análise é definitiva, pois o real contém uma infinidade de “essências”. Procurou-se detectar categorias relevantes e separá-las das irrelevantes, para o estudo presente. O fundamental, neste momento do trabalho, foi a intuição, a subjetividade e o quadro teórico no qual situou-se a pesquisa. Este processo de redução deixa de fazer afirmações sobre a natureza, relativizando o subjetivo e desta forma “revela a consciência como uma esfera absoluta e o transcendente como relativo” (Moura, 1989, p.27).

O terceiro momento do estudo é o da compreensão do fenômeno, que se caracteriza como um processo hermenêutico quando os dados são analisados, mantendo-se a visão do todo, para que se chegue ao núcleo eidético⁴ e partir para um trabalho reflexivo.

O processo de análise possibilitou o delineamento de cinco temas emergentes que caracterizam o que é ser adulto: **é ter trabalho; ter responsabilidade e cidadania; é ter relacionamentos humanos e independência financeira e psicológica.**

3 INTERPRETAÇÃO DOS DISCURSOS

A partir da leitura cuidadosa e interpretação dos fatos pode-se apreender que ser adulto é:

*** ter trabalho**

*** ter responsabilidade**

*** ter cidadania**

*** relacionar-se bem com o outro**

*** ter independência financeira e psicológica**

No que concerne à categoria **trabalho** a mesma aparece nas falas de vários sujeitos como se pode constatar:

1 “É a palavra que diz da Fenomenologia (...) Significa o que se mostra, o que se manifesta, o que aparece. É o que se manifesta para uma consciência.” (Martins 1992, p.34)

2 É mister salientar que o GEMSA tem interesse em entrevistar o adulto em diversos cenários, mas em virtude do não envio dos recursos aprovados pelo CNPq, até a presente data, foi feito um recorte e trabalhado um dos cenários escolhidos para o estudo – O Seminário em Saúde do Adulto, agosto; o estudo será realizado posteriormente em outros cenários.

3 O conjunto de asserções são denominadas unidades de significado, que inicialmente são consideradas conforme foram expressas pelos sujeitos ao descreverem do fenômeno e, posteriormente, são expressas na linguagem do pesquisador.

4 Essência do fenômeno.

*“Ser adulto é ter que **escolher uma profissão**, ter uma posição social”. (N. M. sexo feminino, 24 anos)*

*É alcançar maturidade orgânica e mental, e é **ter trabalho**”. (L. P. sexo feminino, 25 anos)*

Trabalho segundo o dicionário Aurélio quer dizer aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim; atividade coordenada, de caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento; qualquer obra realizada.

Para compreender a etimologia da palavra trabalho é preciso voltar aos povos primitivos quando o trabalho se apresentava como forma de jogo e dança. O trabalho não nasceu da compulsão em satisfazer necessidades imediatas da vida, mas sim de impulsos que estão além do imperativo da necessidade, tais como o jogo e a dança. Na idade antiga, o trabalho manual executado pelos músculos das pernas e das mãos era destinado à sua execução pelos escravos sendo considerado indigno para os senhores, vez que implicava apenas no fazer (Gomes, 1984).

O autor comenta que o trabalho humano criou, portanto, o agradável antes do útil, e deu aos homens a beleza e a alegria, ainda antes de lhe dar valor econômico. O trabalho sendo essencialmente pessoal leva o cunho próprio da pessoa que é a sociabilidade.

Em uma das falas dos entrevistados sobre a questão, o mesmo expressa que ser adulto é:

“Ser cômico e imbuído de responsabilidades para com a sociedade, família e trabalho”. (C. M. sexo masculino, 30 anos)

Na sociedade contemporânea o trabalho vem passando por intensas transformações, tendo o futuro como alvo de controvérsias tanto para teóricos quanto para os trabalhadores. O trabalho coloca o homem em ação para sobreviver e realizar-se, criando instrumentos, e com esses, todo um novo universo cujas vinculações com a natureza, embora inegáveis, se tornam opacas. Ele pode elevar o homem a um alto nível de reconhecimento e ser contínuo como pode ser obrigatório e incômodo.

Outro entrevistado considera que ser adulto é:

“Ter e assumir responsabilidades que determinarão o nível de vida que se deseja, através do trabalho, aperfeiçoamento e valorização pessoal...” (R. Y. sexo feminino, 24 anos)

Os avanços da técnica, da automação e cibernética libertam cada vez mais o trabalhador de tarefas penosas, reduzindo as jornadas de trabalho. Mas o trabalho liga-se a uma função que é a liberdade do homem que trabalha. O que é também registrado na Bíblia, no livro do Gênesis, ao destacar que o trabalho constitui uma dimensão fundamental da existência humana.

Por mais alienado que seja o trabalho, por mais antipáticas que sejam estas ou aquelas pessoas, sempre a carga afetiva despejada entre as escrivatinhas ou bancadas é grande: sedução ou intriga, afeto ou picardia, fofoca ou solidariedade, carinho ou demagogia, sorriso ou polidez. Não se trata de um mero acidente cultural, estamos falando de nossa sobrevivência. Trabalho é um dos lugares sociais possibilitadores e estruturadores de identidade; é a própria expressão da pessoa humana, no que tem de mais pessoal, assim como é a expressão da sociedade humana no que tem de mais social.

O segundo grande tema emergente refere-se à responsabilidade, seguido de cidadania, o que é também registrado e defendido na história humana conforme pode ser visto no poema abaixo:

“Sim! A esse pensamento me apego com firme persistência;

último resultado do saber em cunho da verdade

lhe inculca

só é merecedor de sua liberdade e existência

aquele que diariamente as reconquista.

Goethe, Fausto (in Rollo, 1973, p. 174)

A palavra responsabilidade segundo Dias (1995), tem a raiz latina *spondeo*, fórmula conhecida, pela qual se ligava solenemente o devedor, nos contratos verbais do direito romano, e é definida por Marton citado pelo autor como a situação de quem, tendo violado uma norma qualquer, se vê exposto às conseqüências desagradáveis decorrentes dessa violação, traduzidas em medidas que a autoridade encarregada de velar pela observação do preceito lhe empenha, providências estas que podem ou não, estar previstas.

Encontramos em Dias (1995) que “ser responsável é aquele que responde e, portanto, que responsabilidade é a obrigação cabível ao responsável, permanecendo isto na própria expressão verbal”. Diante do exposto, podemos entender que *responsável*, *responsabilidade*, exprimem idéias de equivalência, de correspondência. A responsabilidade, excepcionalmente, surge também em casos em que o agente não responde.

A consciência é uma característica unicamente humana, assim como a autoconsciência de sua história, esta capacidade de conhecer e mudar confere ao comportamento humano uma flexibilidade e liberdade características.

“Ser adulto é assumir com plenitude a responsabilidade por nós mesmos!...” (J. R. O. sexo feminino, 51 anos)

Responsabilidade diz respeito a conscientização do eu e conseqüentemente uma conscientização do mundo, o

ser humano torna-se um “eu” se estiver empenhado em responder ao mundo, caminhando assim para a responsabilidade e liberdade, pois tem mais consciência das experiências e capacidades significativas às suas vivências. “É a capacidade do indivíduo em saber que ele é um ser determinado” Rollo (1973, p.186).

Liberdade e responsabilidade são inseparáveis, e seus vários conceitos, como o da autonomia do ego, da autonomia e da autonomia do corpo, cada qual tem uma verdade parcial mas estão fundamentalmente erradas, pois quando se fala em controle é o controle de alguém ou algo sobre alguma coisa, assim a teoria de que um aspecto do ser humano controla outro, que fragmentam o ser humano, como uma parte que se sobrepõe à outra. Na verdade, a responsabilidade e a liberdade são uma experiência do homem atuar desde o seu centro, estando todas suas características relacionadas, baseando-se em uma coerência interna do indivíduo e na coesão.

A concepção de responsabilidade muda de acordo com os movimentos históricos e políticos, de acordo com a necessidade da sociedade, pois ser adulto é estar inserido em um meio social e participante. Para a lei jurídica, a responsabilidade refere-se ao respeito ao outro e à lei imposta pela maioria.

Outra categoria que subsidia um novo tema aderente à responsabilidade foi a cidadania. Para discutirmos sobre este tema é mister um conhecimento claro sobre o mesmo, porquanto cidadania é uma palavra usada todos os dias e tem vários sentidos. Mas hoje significa, em essência, o direito de viver decentemente. Cidadania é o direito de ter uma idéia e poder expressá-la. É poder votar em quem quiser sem constrangimento. É processar um médico quando este comete um erro e ter os seus direitos assegurados e conhecer os seus deveres. A cidadania implica no respeito ao humano e ao ético.

Ferreira (1975) define cidadania como qualidade ou estado do cidadão. Dentro destas definições entendemos o “gozo dos direitos civis e políticos” como direito à moradia, salários dignos, saúde, educação, alimentação, enfim, a uma vida digna e segura. Isto possibilita verificar a grande maioria da população brasileira que se encontra distante do pleno e efetivo exercício desse direito tão falado e pouco respeitado nos dias de hoje: o de ser cidadão. Cidadão é, portanto, o indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado, ou no desempenho de seus deveres para com este.

As pessoas responsáveis compreendem a importância da cidadania ao detectá-la no outro, o que é reiterado nas falas a seguir:

*“É ter direito a educação, saúde, salário digno, moradia”
(J. O. 29 anos, sexo masculino)*

“É ser cômico e imbuído de responsabilidade para com a sociedade, família e trabalho” (E. L., 26 anos, sexo masculino)

A cidadania avançou mais no papel do que na prática. Não há nada de novo. Se nos reportarmos aos tempos passados, durante o Império, nossa 1ª Constituição adotava os princípios da liberdade das revoluções americana e francesa, mas a escravidão era mantida. Os filhos dos escravos eram marginalizados e sem estudo; hoje a situação se repete, com os excluídos sociais.

As coincidências entre os períodos não são poucas, começando pela educação pública. Quando surgiu o decreto de repressão a ociosidade em 1888 – com a criação de instituições do tipo FEBEM para garotos que perambulam pelas ruas, o deputado Rodrigues Peixoto in Dimenstein (1992) discursou no Parlamento, questionando a eficácia dos asilos correccionais e enfatizando que:

“Podemos, é verdade, prescindir desses meios, e chegar ao mesmo resultado por outro caminho, talvez mais nobre, mas essa estrada seria demasiadamente longa, só atingiríamos essa meta depois de muito tempo e de haveremos despendido largas somas. Quero falar de educação popular. Se nós pudéssemos educar melhor a nossa mocidade, se pudéssemos incutir-lhes as grandes qualidades que tornam um cidadão útil e o fazem compreender os seus direitos e deveres, poderíamos então prescindir de meios artificiais (...) Temos, é verdade, grandes estabelecimentos de instrução superior, alguns dos quais podem enfrentar aqueles que possuem os povos mais civilizados da Europa, mas quanto à instrução primária e secundária, estamos completamente atrasados.”

A discussão da cidadania no Brasil é problemática, porque a idéia que tem sido divulgada é a de uma cidadania do Primeiro Mundo, quando os cidadãos mais conscientes dos Estados Unidos e dos países da Europa vigiam seus governos para garantir que os serviços já existentes e abundantes continuem dessa forma.

Na ausência e na fragilidade dos fundamentos éticos no Brasil, o que constitui uma efetiva crise de valores que se consubstancia numa crise política e numa crise econômica. Nos defrontamos, portanto, com uma crise fundamental de valores que, perpassa a sociedade brasileira como uma totalidade.

Nesse contexto, o que se evoca é a idéia e o valor da cidadania. A categoria de cidadania tem a ética como sendo o seu outro, de forma que pensar nas condições de possibilidade da cidadania implica em enunciar os fundamentos éticos da política e da sociabilidade. O quadro de referência de cidadania é eminentemente político e social, sujeito de direito.

Somos obrigados a nos defrontar não apenas com a barbárie dos excluídos pelo social brasileiro, como também com a barbaridade de nossas práticas de exclusão social e política. Portanto, somos obrigados a nos defrontar com isso e a realizar o reconhecimento simbólico de diversas figuras que ficavam, até então, nos limites da cidadania e da barbárie (ex. os desempregados).

Nesta perspectiva, se enuncia de maneira implícita e explícita em duplo de referências, articulados de maneiras inextricável, 1. nós – cidadão 2. eles – outros. É preciso deslocar a questão também para nós cidadãos, para começar a permeabilizar as fronteiras entre nós e os outros, para produzir interstícios nas fronteiras da ordem social.

Os temas cidadania, liberdade e responsabilidade evidenciam que o adulto se percebe como parte de uma trama social na qual ele é o autor e platéia. Permite perceber que o adulto coexiste num mundo no qual o outro é importante para consolidar o seu existir, advindo deste coexistir a importância do tema relacionamento nas seguintes falas:

“Ser adulto é ter uma responsabilidade nos nossos afazeres, sem prejudicar as pessoas que nos cercam, como os familiares e a sociedade, com as quais devemos realizar os nossos afazeres de maneira progressista, auxiliando assim no processo para uma melhor forma de convivência” (D. B. sexo feminino, 38 anos)

O relacionamento humano interpessoal é entendido em sua amplitude no processo de interação o que se dá na dimensão das relações interpessoais. Moscovici (1996) explica o relacionamento interpessoal dizendo que na medida que as atividades e interações prosseguem, surgem ainda diferentes sentimentos, sendo que estes influenciam as relações e as próprias atividades dos indivíduos. As diferenças individuais criam ainda, forte influência sobre a vida do indivíduo e do seu grupo social. O processo de interação é facilitado ou dificultado pelo meio social ao qual estamos inseridos. Gradativamente vamos substituindo a posição inicial pela posição adquirida que se dá mediante o convívio social. De uma maneira ou de outra, verificamos em nossas vidas que tendemos a procurar outras pessoas para nos relacionar.

O *adulto* constitui-se por uma história e individualização, sendo que a individualidade é explicada por Elias (1994) como “...individualidade de uma pessoa é antes de mais nada, uma peculiaridade de suas funções psíquicas, uma qualidade estrutural de uma regulação em relação às pessoas e coisas”.

Isto nos leva a constatar que o ser humano não é algo fechado em compartimentos; ele necessita de relações, sendo estas desenvolvidas em decorrência do processo de interação. Essa necessidade foi explicitada nos discursos,

quando a capacidade de se relacionar com o outro torna-se uma condição essencial para o *ser adulto*. De acordo com alguns discursos encontramos que:

“...ser adulto é ter capacidade para se relacionar com as pessoas com quem vive de maneira a propiciar um ambiente agradável e harmonioso para si e para os próximos...” (R. K. sexo feminino, 20 anos)

*“...é ser coerente consigo mesmo e **com os outros...**” (M. M. sexo feminino, 36 anos)*

*“...quando já encontrou a estabilidade emocional e é **aceito pela sociedade.**” (C.S.D sexo feminino, 38 anos)*

O ser humano necessita do outro para sobreviver. A psicologia tenta explicar o porque da tendência expressa pelas pessoas de associar-se a outras, sendo que isto é feito em dois grupos: o primeiro fornece uma explicação muito genérica e pouco satisfatória no que concerne ao estabelecimento de causas, e o segundo desce a detalhes e procura estabelecer cientificamente os fatores que conduzem as pessoas a estabelecerem vínculos.

As relações que as pessoas estabelecem uma com as outras se constituem fator psicológico importante para que se possa compreender o comportamento humano. Nas relações estabelecidas com o outro gostamos, amamos, odiamos, desgostamos também em diferente intensidade e, por vezes, nos sentimos relativamente neutros em nossas relações afetivas. Sendo que este aspecto surge na fala dos entrevistados, ao descreverem o adulto como aquele que:

“...saber respeitar o direito dos outros, mantendo sua própria opinião; é saber conviver e lidar com isso”. (G. T. sexo feminino, 21 anos)

“...tem respeito em relação às outras pessoas, como por exemplo: a sua liberdade vai até onde começa a do outro.” (F. C. V. sexo feminino, 19 anos)

Rodrigues (1979) define como “conseqüência natural do processo de interação social a formação de amizades e inimizades...”, o que também é expresso por um dos entrevistados, que adulto é aquele que:

“...faz amizades e procura conhecer outras pessoas na medida que vai crescendo...” (C.C. K. sexo feminino, 19 anos)

O tornar-se adulto envolve então, toda a nossa capacidade de nos associarmos às outras pessoas em condição de igualdade. Para compreendermos melhor sobre o que seja adulto, fase esta que comumente é chamada de maturidade, temos em D’Andrea (1987), a seguinte definição de adulto que “...é um longo período que vai aproximadamente dos 20 aos 50 anos, isto é, do fim da adolescência até o climatério...”

A compreensão do que seja adulto envolve diversos aspectos que são condições para que possamos entender o conjunto das relações, sendo que o modo com que cada indivíduo se porta é determinado por suas relações passadas ou presentes com outras pessoas, o que já foi identificado no seguinte discurso:

“Ser adulto é viver em relação aos outros, ao meio ambiente, à natureza, à sociedade”. (M.R.L. sexo feminino, 54 anos)

Assim, conforme Elias (1994) “... todo indivíduo constitui-se de tal maneira, por natureza, que precisa de outras pessoas que existam antes dele para poder crescer...”.

A independência financeira e psicológica também se fez presente nos discursos como qualidade inerente ao adulto. Alcançar a independência significa para nós humanos um dos alvos máximos a ser atingido, mesmo que inconscientemente. O desejo de independência financeira surge fortemente na adolescência, estendendo-se para a vida adulta, o que encontramos no seguinte discurso:

“Ser adulto é assumir responsabilidades, tornar-se independente financeiramente dos pais”. (J.L.B. sexo feminino, 20 anos)

“Ser adulto é dar conta de si próprio”. (R.G. sexo feminino, 42 anos)

“Ser adulto é ser capaz de dirigir sua própria vida”. (H.C.T sexo feminino, 47 anos)

A independência financeira e psicológica não acontece de um momento para outro. Percebemos que é um processo gradativo, estendendo-se por toda a vida. Mas como não é o principal interesse deste estudo a descrição detalhada sobre a independência física e psicológica em cada fase vivida que precede a vida adulta, retomemos então o significado de independência financeira e psicológica para os adultos.

A independência financeira inicia-se com a procura de uma profissão. Spranger (1970, p.46) afirma que “a profissão é de importância decisiva para o homem moderno, pois constitui, para a maioria, o conteúdo essencial da vida”. O adulto procura afirmação através da profissão, na possibilidade de ter um emprego e, ao mesmo tempo, se sentir útil no mesmo. A profissão parece ter um papel relevante na vida do ser humano, especialmente no adulto jovem, não visando apenas o aspecto financeiro, o que observamos nas seguintes falas:

“Ser adulto é geralmente estar inserido no mercado de trabalho, ou estudando para uma profissão”. (K.F. sexo feminino, 20 anos)

“Ser adulto é tornar-se alguém responsável sobre si mesmo, sem depender de ninguém”. (O.G. sexo feminino, 21 anos)

Ser independente da família, daqueles com os quais convivemos...Será isto realmente possível e existente na nossa sociedade? No lar em que nascemos é onde construímos nossas primeiras expectativas sobre a vida e tudo o que nos acontece depende dos adultos que nos tiveram enquanto crianças, no seu controle, estabelecendo as regras iniciais para a nossa conduta.

Isso nos remete a pensar que a conquista da independência psicológica é um passo difícil de ser atingido por nós adultos, sendo que sempre estaremos nos deparando com uma característica tão intrínseca do ser humano: o estabelecimento de vínculos. “Faz parte do nosso processo de desenvolvimento, um movimento contínuo que faz de nós pessoas diferentes a cada dia, com diferentes interesses, desejos e maneira de enxergar a vida e o mundo” (Berthoud, 1997).

4 A CONSTRUÇÃO DE UMA SÍNTESE

O tema escolhido para esta pesquisa, – “O que é ser adulto?” –, reflete a preocupação com o bem-estar e a trajetória de vida do crescente número de seres humanos que literalmente vivem a maior parte de suas vidas como adultos e, muitas vezes, não se dão conta da importância da sua situação no mundo.

Poucos param para pensar e analisar o que realmente fazem, como e por que fazem, e determinam valores a todas às suas ações e existências, muitas vezes sem perceber. Assim, ao analisar e interpretar os cinco temas emergentes, aprofundamos uma reflexão sobre a vida, o que possibilita constatar o paradoxo, pois o adulto vem sendo esquecido pelo sistema social, que resiste em vê-lo em sua singularidade, como sujeito responsável pela sua própria vida. Convive-se com verdadeiros bolsões – de excluídos sociais, o que nos remete a velha questão de Drummond – O que é isso José?

Com o processo reflexivo veio o crescimento; crescimento contínuo e gradativo para o grupo como um todo e para cada um individualmente. Não tínhamos a menor noção de universalidade desta pergunta aparentemente tão simples e tão complexa. Aliás, não temos, mas ao mesmo tempo receíamos ter a noção da ambigüidade que nos cerca, justamente porque estamos afeitos a polarizar as questões ou é sim, ou não é, esquecendo-nos ou resistindo a aceitar de que existe o outro lado, o das possibilidades.

Destacamos que este trabalho é um prenúncio e que ele sem dúvida será base para outros, vez que pontua aspectos relevantes para a valorização do vivenciado de cada pessoa em sua caminhada no seu mundo vida.

Ao longo desta gratificante experiência, reforçou-se a certeza de que a vida dos homens, seus pensamentos e sentimentos são fortemente influenciados pelo trabalho, pelas responsabilidades, cidadania, pelos relacionamentos interpessoais e ainda pela independência financeira e psicológica, pois ser adulto, segundo os sujeitos do estudo, é ter competência para decidir sobre a sua vida e a vida do outro; é ter trabalho, é produzir e contribuir com o social com consciência plena das possibilidades e das suas limitações; é ter liberdade de escolha, de ação, e responder por essas escolhas; é viver e agir com o outro num processo de troca, enfim, é ser independente financeira e psicologicamente.

Destaca-se a importância de que estes temas retornem à intimidade das salas de aula para que sejam aprofundados mediante o debate e a reflexão, de forma que as instituições de ensino além de desenvolverem os aspectos cognitivos, estejam também forjando atitudes, o caráter dos futuros profissionais, dos adultos do próximo milênio, tornando-os os cidadãos conscientes de seus papéis pessoais, sociais, como profissionais e dos seus compromissos para com a transformação da realidade social.

ABSTRACT: It is a phenomenological study, which objectified to understand the meaning of what it is to be an adult for the population of the Second National Seminar on Adult Health held on August 19th to August 22nd, 1997. Forty-four (44) people were interviewed, ages ranging from 19 to 54 years. The analysis of their speeches enabled to distinguish five (5) major categories, which express the conception of adulthood for the interviewed group. Thus, being an adult means: to be responsible, to be financially and psychologically independent, to work, to be citizen and to relate to others. The emerged categories reiterate Polak's conception of an adult (1997), which has guided the GEMSA (The Multiprofessional Study Group on Adult Health) studies.

KEY WORDS: Nursing; Responsibility; Citizenship.

REFERÊNCIAS

- 1 BERTHOUD, C. M. E., BROMBERG, M. H. P. F., BORREGO, M. R. M. C. **Ensaio sobre formação e rompimento de vínculos afetivos**. São Paulo: Cabral Editorial, 1997.
- 2 BRUYNE, P., HERMAN, J., CHOUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. 2. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- 3 D'ANDREA, F. F. **Desenvolvimento da personalidade: enfoque psicodinâmico**. 8 ed. Bertrand Brasil S., 1987.
- 4 DIAS, J. A. **Da responsabilidade civil**. Responsabilidade. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense, 1995. v.1.
- 5 DIMENSTEIN, G. **Cidadão de papel**. São Paulo: Panamericana, 1992.
- 6 ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- 7 FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 14 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- 8 GOMES, J. I. A. **Filosofia do trabalho no Brasil**. Curitiba, 1984. Monografia (Graduação). Universidade Católica do Paraná – Centro de Teologia e Ciências Humanas, Departamento de Filosofia.
- 9 KINGET, M. **Tendências da nossa época**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- 10 LÉON, Antoine. **Psicopedagogia dos adultos**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1977.
- 11 MARTINS, J., BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes, 1989.
- 12 MARTINS, J. **Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como *poíeses***. São Paulo: Cortez, 1992.
- 13 MOSCOVICI, F. **Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo**. 5 ed., Rio de Janeiro: José Olímpio, 1996.
- 14 MOURA, C. A. R. **A crítica da razão na fenomenologia**. São Paulo: EDUSP/Nova Stela, 1989.
- 15 POLAK, Y. N. S. et al. **Saúde do adulto: um enfoque multidisciplinar**. Curitiba: Pinha, 1997.
- 16 _____. **Socialidade da doença, multidões de corpos e corporeidades solitárias**. Curitiba, 1997. Tese (Concurso para Professor Titular). Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Paraná.
- 17 RODRIGUES, A. **Psicologia social**. 8 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.
- 18 ROLLO, M. **Psicologia e dilema humano**. Liberdade e responsabilidade reexaminadas. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- 19 SPRANGER, E. **Psicologia da juventude**. Rio de Janeiro: Bloch, 1970.

Endereço do autor:
Av. Paraná, 998 ap. 11301
80035-130 - Curitiba - PR
E-mail: Ymiracy@prograd.ufpr.br